

A "Estrêlla" da Poesia  
O ROMANCE DO  
Pavão Misterioso



de Monoel Camilo dos Santos

Vari. Cat. 278



João Melquiades F. da Silva

Editor Proprietário:  
Manoel Camilo dos Santos

## O Pavão Misterioso

EU vou contar uma história  
De um pavão misterioso  
Que levantou vôo da Grécia  
Com um rapaz corajoso  
Raptando uma condessa  
Filha d'um conde orgulhoso.

Residia na Turquia  
Um viuvo capitalista  
Pai de dois filhos solteiros  
O mais velho João Batista  
Então o filho mais novo  
Se chamava Evangelista.

O velho turco era dono  
D'uma fábrica de tecidos  
Com largas propriedades  
Dinheiro e bens possuídos  
Deu de herança a seus filhos  
Porque eram bem unidos.

Depois que o velho morreu  
Fizeram combinação  
Porque o tal João Batista  
Concordou com seu irmão  
E foram negociar  
Na mais completa união.



Um dia João Batista  
pensou pela vaidade  
e disse a Evangelista:  
-- meu mano eu tenho vontade  
de visitar o estrangeiro  
se não te deixar saudade.

-- Olha que nossa riqueza  
se acha muito aumentada  
e dessa nossa fortuna  
ainda não gozei nada  
portanto convem qu'eu passe  
um ano em terra afastada.

Respondeu Evangelista:  
-- vai que aqui ficarei  
regendo os nossos negócios  
como sempre trabalhei  
garanto que nossos bens  
com cuidado os zelarei.

--- Quero fazer-te um pedido  
Procuras no estrangeiro  
um objeto bonito  
só para rapaz solteiro  
trás para mim de presente  
embora custe dinheiro.

João Batista prometeu  
com muito boa intenção  
de comprar um objeto

de gosto do seu irmão  
então tomou um paquete  
e seguiu para o Japão

João Batista no Japão  
esteve seis mezes sòmente  
gozando naquele império  
percorreu o Oriente  
depois voltou para Grécia  
outro País diferente

João Batista entrou na Grécia  
divertiu-se em passear  
comprou passagem de bordo  
e quando ia embarcar  
ouviu um grego dizer:  
— acho bom se demorar.

João Batista interrogou:  
— amigo fale a verdade  
por qual motivo o senhor  
manda eu ficar na cidade?  
disse o grego: — vai haver  
uma grande novidade.

— Mora aqui nesta cidade  
um conde muito valente  
mais soberbo do que Nero  
pai de uma filha sòmente  
é a moça mais bonita  
que há no tempo presente.



—E a moça em que eu falo  
filha do tal potentado  
o pai tem ela escondida  
em um quarto do sobrado  
chama-se Creuza e criou-se  
sem nunca ter passeado.

—De ano em ano essa moça  
bota a cabeça de fora  
para o povo adorá-la  
no espaço de uma hora  
para ser vista outra vez  
tem um ano de demora.

—O conde não consentiu  
outro homem educá-la  
só ele como pai dela  
teve o poder de ensiná-la  
e será morto o criado  
que dela ouvir a fala.

—Os estrangeiros têm vindo  
tomarem conhecimento  
amanhã ela aparece  
ao grande ajuntamento  
é proibido pedir-se  
a mão dela em casamento.

Então disse João Batista:  
—agora vou demorar  
para ver essa condessa

estrêla deste lugar  
quando eu chegar na Turquia  
tenho muito o que contar.

Logo no segundo dia  
Creuza saiu na janela  
os fotógrafos se vexaram  
tirando o retrato dela  
quando inteirou uma hora  
desapareceu a donzela.

João Batista viu depois  
um retratista vendendo  
alguns retratos de Creuza  
vexou-se e foi lhe dizendo  
quanto quer pelo retrato?  
porque comprá-lo predendo.

O fotógrafo respondeu:  
—lhe custa um conto de réis  
João Batista ainda disse:  
—eu comprava até por dez  
se o dinheiro fôsse pouco  
empenharia os aneis.

João Batista voltou  
da Grécia para a Turquia  
e quando chegou em Meca  
cidade em que residia  
seu mano Evangelista  
banqueteiou o seu dia.

Então disse Evangelista:  
—meu mano vá me contando  
se visse coisas bonitas  
onde andaste passeando  
o que me trás de presente  
vá logo me entregando

Respondeu João Batista:  
—para tí trouxe um retrato  
duma condessa da Grécia  
moça que tem fino trato  
custou-me um conto de réis  
inda achei muito barato.

Respondeu Evangelista  
depois d'uma gargalhada:  
—neste caso meu irmão  
p'ra mim não trouxeste nada  
pois retrato de mulher  
é coisa bastante usada:

—Sei que tem muito retrato  
mas como o que trouxe não  
vais agora examiná-lo  
entrego em tua mão  
quando veres a beleza  
mudarás de opinião.

João Batista retirou  
o retrato de uma mala  
entregou ao rapaz



que estava em pé na sala  
quando ele viu o retrato  
quize falar tremeu a fala.

Evangelista voltou  
com o retrato na mão  
tremendo quase assombrado  
perguntou ao seu irmão  
se a moça do retrato  
tinha aquela perfeição

Respondeu João Batista:  
Creuza é muito mais formosa  
do que o retrato dela  
em beleza é preciosa  
tem o corpo desenhado  
por u'a mão milagrosa.

João Batista Perguntou  
fazendo um ar de riso:  
—que é isto meu irmão  
queres perder o juizo?  
já ví que este retrato  
vai te causar prejuizo.

Respondeu Evangelista:  
---Pois meu irmão eu te digo  
vou sair do meu País  
não posso ficar contigo  
pois a moça do retrato  
deixou-me a vida em perigo.



João Batista falou sério:  
— precipício não convem  
de que te serves ir embora  
por este mundo além  
em procura de u'a moça  
que não casa com ninguém:

— Teu conselho não me serve  
estou impressionado  
rapaz sem moça bonita  
é um desafortunado  
se eu não casar com Creuza  
findo meus dias enforcado.

— Vamos partir a riqueza  
que tenho necessidade  
dar balanço no dinheiro  
porque eu quero a metade  
o que não posso levar  
dou-te de boa vontade.

Deram balanço no dinheiro  
só três milhões encontraram  
tocou dois a Evangelista  
conforme se combinaram  
com relação ao negócio  
da firma se desligaram

Despediu-se Evangelista  
abraçou o seu irmão  
chorando um pelo outro

na triste separação  
seguindo um para a Grécia  
em uma embarcação

Logo que chegou na Grécia  
hospedeou se Evangelista  
em um hotel dos mais pobres  
negando assim sua pista  
só para ninguém saber  
que era um capitalista.

Ali passou oito meses  
sem se dar a conhecer  
sempre andando disfarçado  
só para ninguém saber  
até que chegou o dia  
da donzela aparecer.

Os hotéis já se achavam  
repletos de passageiros  
passeavam pelas praças  
os grupos de cavalheiros  
havia muitos fidalgos  
chegados dos estrangeiros.

As duas horas da tarde  
Creuza saiu a janela  
mostrando a sua beleza  
entre o conde e a mãe dela  
todos tiraram o chapéu  
em continência a donzela



Quando Evangelista viu  
o brilho da boniteza  
disse: — vejo que meu mano  
quiz me falar com franqueza  
pois esta gentil donzela  
é a rainha da beleza.

Evangelista voltou  
aonde estava hospedado  
como não falou com a moça  
estava contrariado  
foi inventar uma ideia  
que lhe desse resultado.

No outro dia saiu  
passeando Evangelista  
encontrou-se na cidade  
com um moço jornalista  
perguntou se não havia  
naquela praça um artista.

Respondeu o jornalista:  
— tem o doutor Edmundo  
na Rua dos Operários  
é engenheiro profundo  
para inventar maquinismo  
é ele o maior do mundo.

Evangelista entrou  
na casa do engenheiro  
falando em lingua grega

negando ser estrangeiro  
lhe propôs um bom negócio  
lhe oferecendo dinheiro.

Assim disse Evangelista:  
— meu engenheiro famoso  
primeiro vá me dizendo  
se não é homem medroso  
porque eu quero ajustar  
um negócio vantajoso

Respondeu-lhe o Edmundo:  
— na arte não tenho medo  
mas vejo que o amigo  
quer um negócio em segredo  
como precisa de mim  
conte-me lá este enredo:

— Eu amo a filha do conde  
a mais formosa mulher  
se o doutor inventar  
um aparelho qualquer  
q'eu possa falar com ela  
pago o que o senhor quiser:

— Eu aceito o seu contrato  
mas preciso lhe avisar  
que vou trabalhar seis meses  
o senhor vai esperar  
é obra desconhecida  
que agora vou inventar.



— Quer dinheiro adiantado?  
eu pago neste momento:  
— não senhor ainda é cedo  
quando terminar o invento  
é que eu lhe digo o preço  
quanto custa o pagamento.

Enquanto Evangelista  
impaciente esperava  
o engenheiro Edmundo  
toda noite trabalhava  
oculto em sua oficina  
e ninguém adivinhava

O grande artista Edmundo  
desenhou nova invenção  
fazendo um aeroplano  
de pequena dimensão  
fabricado de alumínio  
com importante armação.

Movido a motor elétrico  
deposito de gazolina  
com locomoção macia  
que não fazia buzina  
a obra mais importante  
que fez em sua oficina.

Tinha cauda como leque  
e asas como pavão  
pescoço, cabeça e bico

alavanca, chave e botão  
voava igualmente ao vento  
para qualquer direção

Quando Edmundo findou  
disse a Evangelista:

--sua obra está perfeita  
ficou com bonita vista  
o senhor tem que saber  
que Edmundo é artista.

--Eu fiz um aeroplano  
da forma de um pavão  
que se arma e se desarma  
comprimindo em um botão  
e carrega dezoito arrobas  
três léguas a cima do chão.

Foram experimentar  
se tinha jeito o pavão  
abriram alavanca e chave  
encarcaram num botão  
o monstro girou suspenso  
maneira como um balão.

O pavão de asas abertas  
partiu com velocidade  
cortando todo o espaço  
muito a cima da cidade  
como era meia-noite  
voaram mesmo a vontade.



Então disse o engenheiro:  
—já provei minha invenção  
fizemos a experiência  
tome conta do pavão  
agora o senhor me paga  
sem promover discussão.

Perguntou Evangelista:  
—quanto custa seu invento?  
—dê-me cem contos de réis  
acha caro o pagamento?  
o rapaz lhe respondeu:  
—acho pouco dou duzentos.

Edmundo ainda deu-lhe  
mais uma serra azougada  
que serrava caibro e ripa  
e não fazia zuada  
tinha os dentes igual navalha  
de lâmina bem afiada

Deu um lenço inigmático  
que quando Creuza gritava  
chamando pelo pai dela  
então o moço passava  
ele no nariz da moça  
com isso ela desmaiava.

Então disse o jovem turco:  
—muito obrigado fiquei  
do pavão e dos presentes

para lutar me armei  
amanhã a meia-noite  
com Creuza conversarei.

A meia-noite o pavão  
do muro se levantou  
com as lâmpadas apagadas  
como uma flecha voou  
bem no sobrado do conde  
na cumieira pousou.

Evangelista em silêncio  
cineo telhas arredou  
um buraco de dois palmos  
caibros e ripas serrou  
e pendurando uma corda  
por ela se escorregou.

Chegou no quarto de Creuza  
onde dormia a donzela  
debaixo d'um cortinado  
feito de seda amarela  
e ele para acordá-la  
pôs a mão na testa dela.

A donzela estremeceu  
acordou no mesmo instante  
e viu um rapaz estranho  
de rosto muito elegante  
que sorria para ela  
com um olhar fascinante.



Então Creuza deu um grito:  
— papai um desconhecido  
entrou aqui no meu quarto  
sujeito muito atrevido  
venha depressa papai  
pode ser algum bandido

O rapaz lhe disse: — moça  
entre nós não há perigo  
estou pronto a defendê-la  
como verdadeiro amigo  
venho é saber da senhora  
se quer casar-se comigo

O jovem puxou o lenço  
no nariz dela encostou  
deu uma vertigem na moça  
de repente desmaiou  
e ele subiu na corda  
chegando em cima tirou.

Ajeitou caibros e ripas  
e consertou o telhado  
e montando em seu pavão  
voou bastante, vexado  
foi esconder o aparelho  
aonde foi fabricado

O conde acordou aflito  
quando ouviu essa zuada  
entrou no quarto da filha

desembainhou a espada  
encontrou-a sem sentido  
dez minutos desmaiada.

Percorreu todos os cantos  
com a espada na mão  
berrando e soltando pragas  
colérico como um leão  
dizendo: --aonde encontrá-lo  
eu mato esse ladrão.

Creuza disse-lhe: --meu pai  
pois eu ví neste momento  
um jovem rico e elegante  
me falando em casamento  
não ví quando ele encantou-se  
porque deu-me um passamento.

Disse o conde: --nesse caso  
tú já estás a sonbar  
moça de dezoito anos  
já pensando em se casar  
se aparecer casamento  
eu saberei desmanchar.

Evangelista voltou  
as duas da madrugada  
assentou o seu pavão  
sem que fizesse zuada  
desceu pela mesma trilha  
na corda dependurada.



E Creuza estava deitada  
dormindo o sono inocente  
seus cabelos como um véu  
que enfeitava puramente  
como um anjo terreal  
que tem lábio sorridente.

O rapaz muito sutil  
foi pegando na mão dela  
então a moça assustou-se  
ele garantiu a ela  
que não era malfasejo:  
— não tenhas medo donzela.

A moça interrogou-o  
disse: — quem é o senhor?  
diz ele: — sou estrangeiro  
lhe consagrei grande amor  
se não fores minha esposa  
a vida não tem valor.

Mas Creuza achou impossível  
o moço entrar no sobrado  
então perguntou a ele  
de que jeito tinha entrado  
e disse: — vais me dizendo  
se és vivo ou encantado:

— Como eu lhe tenho amizade  
me arrisco fora de hora  
moça não me negue o sim

a quem tanto lhe adora  
Creuza aí gritou: --papai  
venha ver o homem agora.

Ele passou-lhe o lenço  
ela caiu sem sentido  
então subiu pela corda  
por onde tinha descido  
chegou em cima e disse:  
-- o conde será vencido.

Ouviu-se tocar corneta  
e o brado da sentinela  
o conde se dirigiu  
para o quarto da donzela  
viu a filha desmaiada  
não pôde falar com ela.

Até que a moça tornou  
disse o conde: é um caso sério  
sou um fidalgo tão rico  
atentado em meu critério  
mas nós vamos descobrir  
o autor deste mistério.

--Minha filha eu já pensei  
em um plano bem sagaz  
passa esta banha amarela  
na cabeça desse audaz  
só assim descobriremos  
esse anjo ou satanaz.



— Só sendo uma visão  
que entra neste sobrado  
só chega a meia-noite  
entra e sai sem ser notado  
se é gente deste mundo  
usa feitiço encantado.

Evangelista também  
desarmou o seu pavão  
a cauda, a capota, o bico  
diminuiu a armação  
escondeu o seu motor  
em um pequeno caixão.

Depois de sessenta dias  
alta noite em nevoeiro  
Evangelista voltou  
no seu pavão bem maneiro  
desceu no quarto da moça  
a seu modo traiçoeiro

Já era a terceira vez  
que Evangelista entrava  
no quarto que a condessa  
a noite se agasalhava  
pela força do amor  
o rapaz se arriscava.

Com pouco a moça acordou  
foi logo dizendo assim:  
— tú tens dito que me amas

com um benquerer sem fim?  
se me amas com respeito  
te sentas junto de mim.

Evangelista sentou-se  
pôs-se a conversar com ela  
trocando riso esperava  
a resposta da donzela  
ela pôs-lhe a mão na cabeça  
passou a banha amarela.

Depois Creuza levantou-se  
com vontade de gritar  
o rapaz passou lhe o lenço  
sentiu ela desmaiar  
deixou-a com uma síncope  
trateu de se retirar.

E logo Evangelista  
voando da cumieira  
foi esconder seu pavão  
nas folhas d'uma palmeira  
disse: ---na quarta viagem  
levo a condessa estrangeira.

Creuza então passou o resto  
da noite mal sossegada  
acordou pela manhã  
meditativa e cismada  
se o pai não perguntasse  
ela não dizia nada.

Disse o conde: —minha filha parece que estás doente? sofresse algum acesso porque teu olhar não mente o tal rapaz encantado te apareceu certamente.

E Creuza disse: —papai eu cumprí o seu mandado o rapaz apareceu-me mas achei-o delicado passei-lhe a banha amarela e ele saiu marcado.

O conde disse aos soldados que a cidade patrulhassem e tomassem os chapéus dos homens que encontrassem um de cabelo amarelo ou rico ou pobre pegassem.

Evangelista trajou-se com roupa de alugado encontrou-se com a patrulha o seu chapéu foi tirado viram o cabelo amarelo gritaram: —esteja intimado.

Os soldados lhe disseram: —cidadão não estremeça está preso a ordem do conde



e é bom que não se creesça  
vai a presença do conde  
se é homem não esmoreça.

--- Você hoje vai provar  
por sua vida responde  
como é que tem falado  
com a filha do nosso conde  
quando ele lhe procura  
onde é que você se esconde?

Respondeu Evangelista:  
-- também me façam o favor  
enquanto eu vou vestir  
minha roupa superior  
na classe de homem rico  
ninguém pisa o meu valor.

Disseram: ---pode mudar  
sua roupa de nobreza  
a moça bem que dizia  
que o rapaz tinha riqueza  
vamos ganhar umas luvas  
e o conde uma surprêsa.

Seguiu logo Evangelista  
conversando com a guarda  
até que se aproximaram  
d'uma palmeira copada  
então disse Evangelista:  
---minha roupa está trepada.

E os soldados olharam  
em cima viram um caixão  
mandaram ele subir  
e ficaram de prontidão  
pegaram a conversar  
prestando pouca atenção.

Evangelista subiu  
pôs um dedo num botão  
seu pavão de alumínio  
ergueu logo a armação  
dali foi se levantando  
seguiu voando o pavão

E os soldados gritaram:  
- -amigo, o senhor desça  
deixe de tanta demora  
é bom que não aborreça  
se não com pouco uma bala  
visita sua cabeça

Então mandaram subir  
um soldado de coragem  
disseram: —pegue na perna  
arraste com a folhagem  
está passando da hora  
de voltar-mos da viagem

Quando o soldado subiu  
gritou: ---perdemos a ação  
fugiu o moço voando

de longe vejo um pavão  
zombou de nossa patrulha  
aquele moço é o «cão.»

Voltaram e disseram ao conde  
que o rapaz tinham encontrado  
mas do olho d'uma palmeira  
o moço tinha voado  
disse o conde: -- pois é o «cão»  
que com Creuza tem falado.

Creuza sabendo da história  
chorava de arrependida  
por ter marcado o rapaz  
com banha desconhecida  
disse: -- nunca mais terei  
sossego na minha vida.

Disse Creuza: -- ora papai  
me priva da liberdade  
não consente que eu goze  
a distração da cidade  
vivo como criminea  
sem gozar a mocidade

-- Aqui não tenho direito  
de falar com um criado  
um rapaz para me ver  
precisa ser encantado  
mas talvez ainda eu fuja  
deste maldito sebrado



-- O rapaz que me amou  
só queria vê-lo agora  
para cair nos seus pés  
como u'a infeliz que chora  
embora que eu depois  
morresse na mesma hora.

--- Eu sei bem que para ele  
não mereço confiança  
enquanto ele vinha aqui  
ainda eu tinha esperança  
de sair desta prisão  
onde estou desde criança.

As quatro da madrugada  
Evangelista desceu  
Creuza estava acordada  
nunca mais adormeceu  
a moça estava chorando  
o rapaz lhe apareceu

O jovem cumprimentou-a  
deu-lhe um aperto de mão  
a condessa ajoelhou-se  
para pedir-lhe perdão  
dizendo: meu pai mandou-me  
eu fazer-te a traição.

O rapaz disse: -- menina  
a mim não fizeste mal  
toda moça é inocente

tem seu papel virginal  
cerimonia de donzela  
é uma coisa natural.

— Todo o meu sonho dourado  
é fazer-te minha senhora  
se queres casar comigo  
te arruma e vamos embora  
se não o dia amanhece  
e se perde a nossa hora:

— Se o senhor é homem sério  
e comigo quer casar  
pois tome conta de mim  
aqui não quero ficar  
se eu falar em casamento  
meu pai manda me matar:

— Que importa que ele mande  
tropas e navios pelos mares  
minha viagem é aérea  
meu cavalo anda nos ares  
nós vamos sair daqui  
casar em outros lugares.

Creuza estava empacotando  
o vestido mais elegante  
o conde entrou no quarto  
e dando um berro vibrante  
gritando: — filha maldita  
vais morrer com teu amante.

O conde rangindo os dentes  
avançou com passo extenso  
deu um ponta-pé na filha  
dizendo: - eu sou quem venço  
logo nonariz do conde  
o rapaz passou o lenço

Ouviu-se o baque do conde  
porque rolou desmaiado  
a última cena do lenço  
deixou-o magnetizado  
disse o moço: tem dez minutos  
p'ra sair mos do sobrado.

Creuza disse: -- eu estou pronta  
já podemos ir embora  
e subiram pela corda  
até que saíram fora  
se aproximava a alvorada  
pela cortina da aurora.

Com pouco o conde acordou  
viu a corda pendurada  
na coberta do sobrado  
distinguiu uma zuada  
e as lampadas do aparelho  
mostrando a luz variada

E a gaita do pavão  
tocando uma rouca voz  
o monstro de olhos de fogo



projetando os seus faróis  
o conde mandando pragas  
disse a moça: é contra nós.

Os soldados da patrulha  
estavam de prontidão  
um disse: —vem ver fulano  
ai vai passando o pavão  
o monstro fez uma curva  
para tomar direção

Então dizia um soldado:  
—orgulho é uma ilusão  
um pai governa uma filha  
mas não manda no coração  
pois agora a condessinha  
vai fugindo no pavão.

O conde olhou para a corda  
e o buraco no telhado  
como tinha sido vencido  
pelo rapaz atilado  
adoeceu só de raiva  
morreu por não ser vingado.

Logo que Evangelista  
foi chegando na Turquia  
com a condessa da Crécia  
fidalga da monarquia  
em casa de seu irmão  
casaram no mesmo dia.

Em casa de João Batista  
deu-se grande ajuntamento  
dando viva ao noivado  
parabens ao casamento  
a noite teve retreta  
com visita e cumprimento.

Enquanto Evangelista  
gozava imensa alegria  
chegava um telegrama  
da Grécia para a Turquia  
chamando a condessa Creuza  
pelo motivo que havia.

Dizia o telegrama:  
— Creuza vem com teu marido  
receber a tua herança  
o conde é falecido  
tua mãe deseja ver  
o genro desconhecido.

A condessa estava lendo  
com o telegrama na mão  
entregou a Evagelista  
que mostrou ao seu irmão  
dizendo: — vamos voltar  
por uma justa razão.

Demanhã quando os noivos  
acabaram de almoçar  
e Creuza em traje de noiva

pronta para viajar  
de palma, véu e capela  
pois só vieram casar.

Diziam os convidados:  
- a condessa é tão mocinha  
e vestida como noiva  
torna-se mais bonitinha  
está com um boquê de flores  
séria como uma rainha.

Os noivos tomaram assento  
no pavão de alumínio  
e o monstro levantou-se  
foi ficando pequénino  
continuou o seu vôo  
no rumo de seu destino.

Na cidade de Atenas  
estava a população  
esperando pela volta  
do aeroplano pavão  
ou cavalo do espaço  
que imita um avião.

Na tarde do mesmo dia  
que o pavão foi chegado  
em casa de Edmundo  
ficou o noivo hospedado  
seu amigo de confiança  
que foi bem recompensado.



E também a mãe de Creuza  
já esperava vexada  
a filha mais tarde entrou  
muito bem acompanhada  
de braço com seu marido  
disse: ---mamãe estou casada

Disse a velha: ---minha filha  
saíste do cativoiro  
tizeste bem em fugir  
e casar no estrangeiro  
tomem conta da herança  
meu genro é meu herdeiro.

— F I M —

GUARABIRA, 15 - 4 - 1963

PREÇO: CR\$ 60,00

Leia: O Valente Zé  
Garcia, O Rico Sem  
Ter Dinheiro e o Fi-  
lho de Zé Garcia